CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

1) Análise de problemas brasileiros (Coletânea de artigos — 1958 — 1964) GUDIN, Eugênio. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editôra. 1965 — 512 p.*

O volume consiste de uma coletânea de artigos do Prof. Eugênio Gudin publicado no jornal *O Globo* e seus associados no país. Foram selecionados por amigos e cobrem o período de 1958 a 1964, coincidindo, aproximadamente, com a presidência de J. Kubitchek e J. Goulart. Refletem o pensamento do autor sôbre a situação econômica da época.

A segunda metade do período supramencionado caracteriza-se por uma inflação desenfreada, demagogia política, hostilidade para com o capital estrangeiro, dívida externa crescente, a ponto de tornar-se insuportável e, finalmente, queda do desenvolvimento industrial e econômico.

Um dos principais expositores da economia neoclássica, Gudin defende, com lógica rigorosa, seu ponto de vista contrário à teoria marxista e a chamada "Nova Ortodoxia", vale dizer, a metodologia e soluções expostas no relatório da Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina". Destaca-se como crítico seguro e pertinaz do Dr. Raul Prebish, cujas teorias econômicas encontraram tão grande aceitação por parte das Nações Sul-Americanas e do terceiro mundo. Acreditando na validade universal da análise econômica tradicional, considera sem fundamento a noção de que os problemas da América Latina necessitam de tôda uma nova concepção econômica para serem diagnosticados e solucionados ... "Não pode haver uma ciência econômica para a América Latina, como não há uma física ou uma matemática latino-americana" (pág. 68).

---

*) Publicado com licença de Duke University Press, editôra da *Hispanic American Historicae Review*, para quem a crítica foi escrita originalmente.

A seu ver, o desenvolvimento econômico do Brasil e da América Latina em geral é, menos um caso de promoção de novos investimentos, que o de "minimizar os erros que têm sido constantemente perpetrados por seus governos" (394). Segundo êle, são êstes que inibiram o desenvolvimento econômico, já por não terem cuidado da educação, já por se inclinarem, exageradamente, a criar pontos de estrangulamento em setores chaves da economia, como a agricultura, os serviços públicos e as exportações. Inevitàvelmente a economia se distorce, adquirindo uma estrutura sem flexibilidade, o que alguns consideram, erradamente, como causa e não resultado da inflação. No que diz com a função do Estado, face ao desenvolvimento econômico, coloca-se em posição diametralmente oposta a dos economistas que seguem a linha ECIA, como Celso Furtado. Êste último advoga um campo de ação cada vez maior para o Estado, a fim de fazer face às debilidades de uma economia tìpicamente subdesenvolvida. Gudin ataca o argumento, citando os descalabros administrativos e econômicos das estradas de ferro nacionais, marinha mercante, serviços portuários, Petrobrás (o monopólio estatal do petróleo) e da Fábrica Nacional de Motores. Tôdas, emprêsas estatais.

Terá o Brasil sofrido com a deterioração de suas relações de trocas com o exterior? Segundo o autor, tudo depende do período que se toma por base. "Como pode alguém ter a coragem de tomar como ponto de referência os preços absurdos correspondentes a 1954" (pág. 319).

Nesse ano, adverte, o preço do café atingiu o ponto mais alto da história, com uma média de 80 centavos a libra, em relação aos 7 de 1938 e 1940, treze na Segunda Guerra Mundial e 37 em 1963.

Durante o período (1962-63) em que os investimentos estrangeiros sofreram ataques intensos, o Prof. Gudin defendeu-os perante o público com uma argumentação racional. Respondendo aos que clamavam que os investimentos estrangeiros estavam "exaurindo" o Brasil, mostrou que no qüinqüênio 1955-1959 as remessas alcançaram menos que dois por cento do que se havia investido e 0,2% do PNB. Observou, também, que mais de 50% dos lucros das emprêsas americanas tinham sido reinvestidos no Brasil. Mais ainda. Argumentou, convincentemente, que ao arrepio do que dizem Furtado e outros, a contribuição marginal do capital estrangeiro, no Brasil, longe de desprezível, foi a divisa entre a estagnação e um crescimento aceitável da renda *per capita* (332).

A obra profissional do Dr. Gudin, como seus escritos populares, é o fruto de uma amadurecida erudição e experiência no trato dos negócios públicos brasileiros. Seus artigos jornalísticos, dos quais muitos se acham coligidos no presente volume, contribuíram significativamente para alargar a cultura econômica do público brasileiro.

ERIC BAKLANOFF
Louisianna University